



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

DROGAS E RELIGIOSIDADE: CONTRIBUIÇÕES PARA O DEBATE ACERCA DA INTERFACE CIÊNCIA-RELIGIÃO

DRUGS AND RELIGIOSITY: CONTRIBUTIONS TO THE DEBATE ON THE SCIENCE-RELIGION INTERFACE

Janaína Alexandra Capistrano da Costa
janacapis@uft.edu.br
Universidade Federal do Tocantins
Brasil

Orivaldo Pimentel Lopes Júnior
orivaldojr@yahoo.com.br
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Brasil

RESUMO

Pesquisas históricas e arqueológicas revelam a existência de uma longa relação entre o uso de substâncias psicoativas e a religiosidade humana. Na antiguidade clássica, Heródoto observou o uso do cânhamo e de madeiras aromáticas nos ritos fúnebres da Cítia; também há indícios de que o oráculo de Delfos se pronunciava através do transe extático causado pela inspiração de vapores derivados da queima de ópio. Segundo Mircea Eliade, esse tipo de experiência visionária é análogo ao êxtase xamânico e, por conseguinte, à mística religiosa. Na América da pré-conquista, o uso ritualístico desse tipo de substâncias era amplamente difundido e diversificado, à exemplo do uso sagrado da folha de coca, do tabaco e de rapés paricá, vilca e yopo dotados de grande potencial alucinógeno. Porém, no contexto colonialista, o cerco moral e jurídico promovido pela Inquisição e pelo proibicionismo de Estado transformou a relação entre as drogas e a religiosidade, a partir de um ideal de abstinência, estigmatizando certas substâncias e seus usos, prevalecendo até o presente tal atitude. Nos últimos anos o grupo de pesquisa *Mythos-Logos: religião, mito e espiritualidade*, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, abrigou diversas pesquisas através das quais buscamos identificar como se configura dita relação mediada por diferentes instituições religiosas numa conjuntura de guerra às drogas. Comparando os discursos sobre as drogas entre os diferentes grupos religiosos e suas respectivas ações no espaço público, pudemos constatar que eles conferiam às drogas, usualmente, um dos três sentidos seguintes: a pura e simples condenação com a correspondente ausência de uma ação na esfera pública, o uso de substâncias consideradas drogas e uma ação pública voltada para a busca da aceitação dessa prática, e, finalmente, uma condenação “compreensiva” com uma ação frequente no espaço público através de grupos ou casas de reabilitação. Essa realidade suscitou-nos a indagação sobre como o discurso acadêmico atua dentro das instituições religiosas interferindo na qualidade e intensidade de suas ações em relação às



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

drogas. Percebemos que a normalmente subestimada postura da academia com relação às instituições religiosas não ajuda em nada a enfrentar os problemas sociais vinculados ao abuso das drogas. Entretanto, uma interação crescente entre a academia e tais instituições começa a produzir uma nova abordagem a esse grande problema social no Brasil.

Palavras chave: Drogas; Religião e drogas; Ciência e Religião.

ABSTRACT

Historical and archaeological researchers reveal the existence of a long relationship between the use of psychoactive substances and human religiosity. In the classical antiquity, Herodotus has registered the use of hemp and of aromatic woods in funeral rites of Scythia; and there are clues that the Delphic oracles was pronounced under ecstatic trance provoked by burning of opium. To Mircea Eliade, this kind of visionary experience is similar to the shamanic ecstasy and, for instance, to the religious mystics. In the pre-invasion America, the ritualistic use of this type of product was widely diffused and diversified as, for example, the sacred use of the coca leaves, tobacco and rape, vilca and yopo, with a huge hallucinogenic potential. Nevertheless, in the colonial context, the moral and legal siege promoted by Inquisition and by the State prohibitionist has transformed the relationship between drugs and religiosity in an ideal standard of abstinence. With this, some sorts of substances and its use have been stigmatizing, prevailing up to the present such attitude. In the last years, the research group *Mythos-Logos: Religion, Myth and Spirituality*, of the Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Brazil), sheltered several researches in order to figure out this relationship at a juncture of the drug war. Comparing the speeches on the drugs in the different religious groups with their actions in Public Square, we realized that they usually give to the drugs one of these three senses: straight condemnation linked with absence of Public Space; the use of substances considered drugs with a public action in search of acceptance of this practice; a “comprehensive condemnation” with a frequent action in Public Space through groups or rehabilitation homes. That reality made us to think about how the academic speech works inside these religious institutions interfering in the quality and intensity of their actions toward drugs. We realized that the frequently underestimated posture of academy in relation to religious institutions absolutely does not help to face the social problems related to the abuse of drugs. Otherwise, a growing interaction between academy and such institutions starts to produce a new approach to this great social problem in Brazil.

Keywords: Drugs; Religion & drugs; Science & Religion.

INTRODUÇÃO

O uso de drogas na contemporaneidade é amplamente reconhecido como um grande problema mundial. Na América Latina, a singularidade desse problema estaria marcada pelo papel central exercido por essa região na produção e exportação de substâncias ilícitas e pela repressão que os países latino-americanos de modo geral impõem sobre o tráfico. O que tem fomentado a violência e o hiperencarceramento em contextos de Estados incapazes de prover as condições



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

humanitárias necessárias para aplicar legitimamente esse tipo de medida disciplinar. Além disso, os consumidores da região correm mais riscos à saúde, pois encontram à sua disposição no mercado ilícito de drogas os produtos de pior qualidade, não contam com programas eficientes de prevenção pautados pela educação e autonomia do indivíduo e quando necessitam de tratamento para o uso problemático, encontram quase que exclusivamente atendimentos pautados pelo ideal de higienização social e pela sanatorização em detrimento de todas alternativas de cuidado possíveis (UNODC 2015; ABRAMOVAY 2012; FERNANDES 2008; VARGAS 2000).

O presente artigo foi produzido a partir de resultados de pesquisas que desenvolvemos ao longo dos últimos anos, com o objetivo de compreender as determinantes desse cenário sob a perspectiva das ciências sociais. A partir de uma revisão dos estudos que abordaram essa temática, constatamos que as práticas e os discursos oriundos das instâncias a que chamamos de religiosa, política e científica influenciam mormente na definição do entendimento que as pessoas elaboram sobre as substâncias e sobre a relação com o uso de drogas. No bojo do grupo de estudos *Mythos-Logos: religião, mito e espiritualidade*, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, concentramos nossa análise no espaço religioso de fala, pois compreendemos que a despeito do projeto moderno de privatização da religião, a influência do fenômeno religioso na vida comum ainda é marcante e nisso se evidenciam os intercâmbios que a dimensão religiosa realiza com as dimensões política e científica. (LOPES Jr. 2013; COSTA & LOPES Jr. 2014; COSTA & SIMEÃO 2015; COSTA 2017).

Ao estudarmos o processo de regulamentação do uso religioso da substância psicoativa ayahuasca no Brasil – evento que impacta na política de drogas nacional – verificamos que os participantes das ditas religiões ayahuasqueiras brasileiras, dentre outros posicionamentos nesse processo, acordaram em separar a noção de cura do corpo físico da noção de salvação espiritual, a fim de adequar suas petições às exigências burocráticas da normatização estatal (COSTA 2015). Por outro lado, pesquisando sobre o posicionamento de expoentes de alguns grupos religiosos da cidade de Natal/RN sobre o problema das drogas, constatamos que em geral os mesmos condenam as substâncias chamadas drogas como a principal causa dos problemas que as pessoas que as consomem vivenciam, tanto na vida privada quanto nas relações comunitárias que estas possuem. Entendemos que essa seja uma posição caudatária do discurso médico hegemônico propalado



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

durante o último século, segundo o qual dentre o contexto de vida, o indivíduo e a substância, esta última deve ser tomada como a causa primordial, se não única dos problemas. Porém, ao oferecerem soluções para os danos causados por esse uso, tais grupos ofertam o seu dogma e relativizam o uso de drogas medicamentosas no tratamento e recuperação dos usuários considerados problemáticos (SIMEÃO 2016). Estes são dois pequenos exemplos do entrosamento que verificamos entre as referidas dimensões

Ao pensarmos criticamente o “problema das drogas”, atentando para sua constituição histórica, tanto no relativo ao que seria seu plano objetivo, quanto ao plano subjetivo da ideologia que o mesmo representa, podemos compreender que ele se configura no tempo e no espaço por meio de interações sociais perpassadas por assimetrias de poder que definem suas formas, contradições e vitalidade. A seguir faremos uma breve contextualização sobre a formação desse problema, sublinhando as interações pautadas pelos referenciais religioso, político e científico, a fim de evidenciarmos os protagonismos exercidos nas definições da droga e do mal-uso desta, os quais redundariam na formação de dito problema.

O uso corrente da palavra droga no cenário atual nos sugere como o senso comum a compreende, ou seja, como sendo aquilo que é declarado ilícito pelos diferentes Estados. Associadas ao que é ilícito, as substâncias chamadas de drogas são compreendidas como causa do mal e como capazes de subjugar a vontade dos indivíduos através de seus efeitos. A aliança entre o discurso político e o médico científico neste ponto é latente, tratando-se de substâncias que prejudicam o bem-estar físico e psíquico das pessoas as mesmas devem ser controladas pelo Estado. Essa equação, apesar de necessária para legitimar as ações dos modernos Estados nações, neste caso é falha, pois nenhuma proibição contida na Convenção Única das Nações Unidas de 1971, documento que orienta as ilicitudes adotadas pelos países signatários, está amparada por estudos científicos de envergadura que provam o caráter prejudicial das substâncias, mas sim pela falta dos mesmos. Criou-se assim, um contrassenso, como não há pesquisa, não há segurança médica e se proíbe, inclusive a própria pesquisa, uma vez que limita ao extremo o acesso às substâncias tornadas ilícitas.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Vemos, portanto, que a definição do lícito e do ilícito em matéria de drogas, está pautada mais por uma “partilha moral” do que por uma lógica racional como promete. Estudando o uso da palavra droga e sua significação ao longo da história encontramos que a mesma foi mobilizada primordialmente para designar uma grande e diversificada quantidade de elementos de origem natural empregados na alimentação e na farmacopeia moderna, dentre outros (CARNEIRO 2005a, CARNEIRO 2008, ESCOHOTADO 2008, ESCOHOTADO 2015, VARGAS 2008). De acordo com Vargas (2008 p. 42) o uso do vocábulo droga ao longo da história foi se tornando cada vez mais corrente, na medida em que os povos europeus intensificaram o contato com seus outros, primeiramente árabes e hindus e posteriormente os nativos americanos. A intensificação das relações de alteridade estaria, por sua vez, atreladas à dinâmica religiosa, através do papel exercido pelas últimas Cruzadas, pela ética católica e protestante na instauração do chamado processo civilizador, e pela catequização cristã forçada durante a Conquista das américas. Esses movimentos teriam influenciado de maneira determinante uma “virada cosmológica-topográfica” em busca do paraíso na terra, busca esta que, segundo o autor (VARGAS, 2008), materializou-se na conquista do mercado de produtos exóticos, de substâncias que pudessem proporcionar a sensação do paraíso e, por conseguinte, na conquista de novas fronteiras. As drogas então correspondiam a canela, cravo, açafrão, gengibre, noz moscada, ópio, haxixe, bem como ao açúcar, o café, o chá, o chocolate e o tabaco. Todavia, a visão do paraíso na terra, vinha acompanhada do seu contraponto, a visão do inferno, razão fundamental para o cerceamento do moralmente inaceitável e para a limitação progressiva do significado e do uso dessa palavra.

Conforme Bernand & Gruzinski (1992), Gruzinski (2001), Escohotado (2008) e Carneiro (2004) os impérios coloniais controlaram a produção, o acesso e o uso às mais diversas drogas não só com vistas a interesses econômicos, mas também vislumbrando o domínio moral e do imaginário através principalmente da ação inquisitorial. Dois casos emblemáticos dos arranjos promovidos entre esses interesses é o do álcool e o do tabaco. O uso disseminado do tabaco entre os ameríndios foi inicialmente condenado pela igreja católica, porque engendrava “insidiosas ficções” e porque expelir fumaça pela boca era interpretado como obra de Satanás. Embora tenha apoiado tal condenação à princípio e mesmo aliado à igreja, ao constatar a rápida disseminação do costume de fumar e as possibilidades de lucro dessa prática o império espanhol instituiu o primeiro imposto



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

sobre o tabaco do planeta em 1611 e declarou o seu monopólio sobre o produto. A inquisição ainda tentou controlar a prática decretando penas como a amputação do nariz e o aprisionamento, em 1642 Urbano VIII proibiu que qualquer pessoa na diocese de Sevilla – porto de entrada da planta na Europa – consumisse tabaco sob pena de ser excomungado, contudo, em pouco tempo os espanhóis tiveram que ceder ao gosto pelo fumo (CARNEIRO 2004; ESCOHOTADO 2008: 255).

O historiador Henrique Carneiro (2004) sublinha a importância das relações com as drogas enquanto determinantes da cultura material e do modelo psíquico modernos. Segundo o autor, a expansão do consumo do tabaco pelo mundo foi em grande parte determinada pelos efeitos “sedativo da tensão” e “excitante da atenção”, característicos dessa espécie vegetal e os quais encontram-se sintonizados com a dinâmica civilizatória. Os ajustes entre tal dinâmica, os interesses de determinados grupos religiosos, tais como católicos e protestantes, com seus referenciais morais e o projeto de Estado laico, estiveram permeados por negociações acerca das drogas aceitas e não aceitas e de como estas marcas seriam impressas nas pessoas, distribuídas entre elas, de maneira que figuraria na raiz da demarcação da alteridade. Assim, há nesse processo a ampliação, refinamento e especialização do controle sobre o corpo. Carneiro explica que:

O cristianismo já vinha se constituindo milenarmente como internalização dos controles sociais sobre o corpo e o espírito, numa evolução massiva do estoicismo, e se enfrentou com as antigas culturas extáticas, dionisiacas, zoroástricas ou shivaístas e com as culturas xamânicas indígenas, cujo fundamento é um vôo da alma. Na época reformista e contra reformista dos primeiros séculos da modernidade emergiu, em colaboração mútua com um aparelho de Estado absolutista, um policiamento disciplinar dos costumes com recursos para refinar o modelo de subjetividade moderno com uma férrea estrutura de automatismos morais, de couraças sobre o espírito, para forjar uma mentalidade anti-extática, por meio de uma simbolização demonizante das práticas extáticas como sabá de bruxas ou festim canibal de selvagens (CARNEIRO 2008, p. 70-71).

Por outro lado, existia o consumo estabelecido do álcool que exercia um papel fundamental na organização social europeia a tal ponto de Crowley (2014) afirmar que o vinho figurou como um elemento determinante da vitória sobre os otomanos no campo de batalha, pois durava muito mais do que a água transportada para as tropas, redimia as dores e o cansaço dos combatentes e ainda compunha os ritos de sacralização dos embates. De acordo com Carneiro:

O cristianismo herda do judaísmo um lugar central para a vinha e seu produto, mas exerce contra outras substâncias um zelo intolerante cuja matriz simbólica



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

encontra-se no relato do fruto proibido na gênese da criação e queda da humanidade. [...] A herança xamânica ou dionisiaca em suas múltiplas expressões, como cultos a plantas psicoativas sagradas, foi combatida em todos os continentes pela Igreja católica, especialmente nas Américas, onde o combate à idolatria foi uma das atividades centrais da inquisição (2008, p. 75).

Em busca de uma uniformização linguística e cultural característica dos nascentes estados nações, primeiro a empresa colonialista e depois as nações independentes condenaram certas práticas de uso de drogas. De acordo com Bernard & Gruzinski (1992), assim como a narrativa oral, as plantas psicoativas utilizadas tradicionalmente pelos povos conquistados foram identificadas pelos “extirpadores de idolatria” como focos de resistência à conversão à fé cristã e insubmissão ao poder monárquico.

Los alucinógenos constituyen otro vehículo cultural: exótico, imprevisto y mucho más espantoso. Los extirpadores lo saben perfectamente. Convencidos de que cumplen una función decisiva en la transmisión y la evolución del universo onírico al margen del cristianismo, los extirpadores se preocuparon e interesaron en sus formas de consumo, en los efectos alucinatorios (embriaguez y visiones) y en los fines que con ellos se perseguían con el objetivo expreso de abolir esa "infernial superstición" (BERNARD & GRUZINSKI 1992:143).

A progressão da conversão forçada gerou o crescente desligamento de elementos da natureza, tais como milho, tabaco, chocolate e cannabis, das concepções metafísicas do cosmos ameríndias e africanas, o que fez com que os mesmos fossem despojados de sua força sagrada e transformados em rentáveis mercadorias (GRUZINSKI 2001: 83, 84, 106). Desse modo, a persistência em tratar com sacralidade tais elementos passou a ser concebida pejorativamente como magia, a persistência no seu uso terapêutico tradicional classificada como curandeirismo e a substância em si, quando não interessante para a economia ou o regime psíquico moderno, foi classificada como veneno, vide exemplo da cannabis.

Segundo Escohotado (2010), a separação política e moral entre as substâncias será decodificada nos termos de drogas lícitas e ilícitas conforme o avanço de um processo que ele qualificou como farmacracia. Inicialmente, a palavra droga foi usada para designar diversas mercadorias e parece ter nascido na Holanda para designar barril de coisa seca (VARGAS 2008). Na celebre obra “Cultura e opulência no Brasil por suas drogas e minas” de 1711, produtos como tabaco, açúcar e pau-brasil são chamados igualmente de drogas (CARNEIRO: 2005 p.15).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Enquanto que no “Dicionário da língua portuguesa recopilada” de 1813, a palavra droga é definida como “todo gênero de especiaria aromática, tintas, óleos, raízes oficiais de tinturaria, e botica. Mercadorias ligeiras de lã ou seda” (CARNEIRO 2005 p.12). As distinções no conjunto das chamadas drogas entre alimentos, remédios e substâncias alteradoras do ânimo com quaisquer finalidades, prazer ou controle da dor por exemplo, eram borradas. Atualmente essas fronteiras são demarcadas e vigiadas, especialmente por empreendedores científicos, religiosos e políticos, mas para que isso ocorresse foram necessários alguns séculos de especialização e desenvolvimento das regras sociais e estruturas disciplinares destinadas ao controle dos corpos e sua conformação em modelos sociais orgânicos. Nesse interim, o conhecimento científico constituiu-se em peça chave, com destaque para a psicofarmacologia e a medicina como áreas que possuem o monopólio para legitimar intervenções nos corpos e consciências através das drogas ao classifica-las e propor dosagens e delimitações do acesso a elas.

Por fim, para efeito de contextualização é importante observar o que Carneiro (2004, 4005a, 2005b, 2008) chama de ubiquidade do fenômeno do uso de drogas e do uso mais específico de substâncias psicoativas, ou seja, de substâncias que alteram a percepção da realidade de quem as usa.

É conhecida a tese segundo a qual a experimentação das drogas e o desenvolvimento do conhecimento sobre elas ocorreu adjacente ao desenvolvimento da alimentação no processo evolutivo humano. Segundo McKenna (1993 p.45), explorando a oferta natural, a alimentação proto-humana incluiu componentes psicoativos tais como a psilocibina, a dimetiltriptamina e a harmalina que constituíram fatores químicos propulsores da autoconsciência humana, da imaginação, da linguagem e da religião. Para Mircea Eliade (2010 p. 2-39), o efeito do uso de plantas psicoativas pode ter funcionado como hierofania, quer dizer como “ato da manifestação do sagrado”, uma vez que a surpresa, o choque, e a ausência de uma explicação de viés objetivante diante desse tipo de experiência conduz o homem a uma posição de temor combinado com veneração. Assim, a hierofania consagraria uma determinada fração do espaço-tempo e a sua repetição deliberada asseguraria a sobrevivência dessa sacralidade para o futuro. Logo, os ritos gerados em torno dessa repetição tornam-se fonte de força e sacralidade, por conseguinte, o retorno do espaço-tempo explica o sistema religioso ligado a ele. Semelhante função exerce a morte e não



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

por acaso, portanto, diversos cultos ligados ao uso das ditas plantas de poder, plantas professoras ou enteógenos (deus dentro), consideram-nas meios de comunicação com o mundo dos mortos. Para Eliade (2010: 296), a “A potência sagrada quer dizer ao mesmo tempo, realidade, perenidade e eficácia”, mas podemos notar que as drogas foram perdendo essa potência face sua explicação científica e ao controle moral e político-institucional. A morte, à sua maneira, também perdeu essa potência face à sua intermediação pela medicina, pelo hospital, pelo sacerdote e ritos funerários. Nesse trajeto, o fato de o fenômeno do uso de drogas estar presente em todas as épocas e culturas, além de ser característico do fenômeno religioso, sofreu um apagamento, sobretudo no último século de “guerra às drogas” que defendeu violentamente a abstinência e a farmacracia, o poder que define quais drogas podem ser usadas. Mesmo sob intensa repressão, porém, milhares de pessoas procuram as drogas anualmente, sejam lícitas ou ilícitas. Muitas delas desenvolvem uso problemático, porque justamente vigora um interdito para se falar e se educar sobre essa prática. O cuidado para com as pessoas, também é interditado pela criminalização.

A partir de uma acurada pesquisa de viés antropológico com consumidores de crack, Rui *et all* (2014) verificaram que quase a totalidade dos entrevistados relataram possuir trajetórias de intenso “sofrimento social”, nas quais se viam separados de seus vínculos sociais e laços afetivos, bem como progressivamente distanciados das formas de reconhecimento pelo grupo social hegemônico. O uso da substância, entretanto, era um ponto em comum que os aproximava entre si, gerando regras próprias de sobrevivência e criando um território próprio, a cracolândia. Podemos conjecturar, que esse tipo de mobilização pelo êxtase químico e suas interações relativas apaziguadoras configura-se como busca por uma espécie de ágape, uma fresta de vontade para tal. Em artigo informativo, Frei Betto (2013) sugere que o uso de drogas está relacionado à necessidade de preencher um “buraco no peito” causado pelo individualismo exacerbado, pelo descrédito das utopias e pela falta de esperança nos sonhos. Para ele, a religiosidade seria capaz de reintroduzir essas pessoas no universo onírico e de dar-lhes sentido à vida e isto seria o que muitos usuários de drogas procuram, por isso “todo drogado é um místico em potencial” (BETTO 2013). Ao avaliar o processo de surgimento das religiões ayahuasqueiras no Brasil em nossas pesquisas verificamos que o consumo da bebida psicoativa foi crucial na formação de uma comunidade de apoio material num contexto de crise econômica e êxodo rural (COSTA 2017).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Finalmente, consideramos que o fenômeno do uso de drogas ocupa um lugar central na organização dos grupos humanos, imbricado nas dimensões da produção do conhecimento, da religiosidade e da *comunis*, por isso podemos dizer que ciência e religião se encontram no espaço daquilo que é comum quando o tema é o “problema das drogas”. Nosso objetivo, na reflexão apresentada aqui é identificar e analisar as trocas e contágios travados entre essas dimensões.

MARCO TEÓRICO/MARCO CONCEPTUAL

Compreendemos junto com Latour (2004), Sloterdijk (2009) e Simmel (2011a; 2011b) que o uso indiscriminado do conceito religião produziria um enquadramento forçado na medida em que designasse uma forma religiosa universal, dotada de certos fatores concernentes a desenhos rituais, crenças e deuses face a uma realidade dinâmica, no sentido das abundantes diferenciações e empréstimos entre os grupos e seus conjuntos de crenças. Desta feita, buscamos evitar a aplicação de conceitos de *Procrusto*¹. Logo, a forma com a qual lidamos com um fenômeno com tais características é considera-lo a partir de uma perspectiva interacionista (SIMMEL 2011a; 2011b) e “aphrogênica” (SLOTERDIJK 2009). Na medida em que nos referimos ao fenômeno religioso, portanto, procuramos vislumbrar uma dimensão criativa de relações cujas fronteiras são definidas pelos próprios membros e suas discursividades que alimentam atmosferas específicas no que diz respeito ao ausente (mortos) e ao transcendente. Um digressão concisa da proposta teórica dos autores em tela nos ajudará a expor mais claramente tais ideias.

Rompendo com a clássica concepção sociológica da sociedade como uma totalidade orgânica composta por esferas especializadas da vida, Peter Sloterdijk (2009) lança mão de uma autêntica e curiosa analogia comparando a injunção de grupos humanos a que chamamos de sociedade à espuma que é composta por um sem número de micro-esferas (casais, lares, associações, instituições, empresas e demais grupos) entre as quais existe um co-isolamento concomitante ao contato fronteiriço. Neste contato ocorrem infiltrações miméticas de normas, estímulos, mercadorias e símbolos. As fronteiras, entre essas bolhas são construídas através de imunidades

¹ Conceitos que adaptam a realidade aos seus próprios limites. Lopes Jr. (2013) estabelece uma analogia entre a forma disjuntiva e mutiladora do pensamento no paradigma científico moderno e a atitude do cruel assaltante *Procrusto* retratado pela mitologia grega, o qual deitava suas vítimas em dois leitos e cortava as partes dos que ultrapassavam essa medida e distendia os que não a completavam.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

internas fundadas em categorias médico-bioquímicas, militares, políticas, psico-semânticas e religiosas, o discurso da identidade, por exemplo, figuraria como prótese voltada para imunidade de grupo e que delimitaria o contato. Tais ilhas antropogênicas, caracterizar-se-iam pela atividade “aphrogêna” constituída pelas interações e as práticas em geral que alimentam o contágio e a imunização e criam, assim, climas atmosféricos que mantêm as bolhas. Sendo que tal atividade se plasmava através de nove dimensões básicas das quais destacamos a dimensão da memória e da verdade definida como alethotopo; a dimensão do contato com os antepassados do grupo e da “revelação” – hierofania – thanatotopo e o âmbito nomotopo dos costumes comuns, divisão do trabalho e expectativas recíprocas, os quais formam uma tensegridade imaginária entre as partes (SLOTERDIJK 2009: 15-60)².

Essa linha de raciocínio considera os grupos religiosos não como esferas fechadas em sua especialização, mas como grupos humanos dinâmicos (aphrogênicos), sujeitos a interações diversas. As atividades relativas a uma ou mais dimensões podem demarcar mais ou menos os grupos, como os religiosos que vivem a proeminência do thanatotopo, a despeito de estarem perpassados pelas demais dimensões. Por isso podemos encontrar neles manifestações do alethotopo como a ciência que propõe verdades sobre a realidade, ou do nomotopo expresso através da biopolítica. Nas palavras do autor:

En todas las culturas, las imágenes vivas del recuerdo de los muertos se transforman en imágenes interiores y exteriores que regulan el tráfico entre los vivos y los muertos, de este mundo de imágenes se hace una institución psicosocial, cuya tarea es dirigir ordenadamente el retorno de los desaparecidos. Cuando se representa a los muertos de modo ordenado, se habla de culto; cuando se observa su reaparición desregulada, de aparición de un fantasma (SLOTERDIJK 2009 p.250).

Somamos a essa perspectiva a concepção de Simmel (2011a; 2011b), segundo a qual a religiosidade é uma disposição da alma que colore os conteúdos do mundo criando a religião, que se torna o mundo objetivado da fé.

² As outras seis dimensões são: quirotopo: dimensão da ação das manipulações objetivas; fonotopo: dimensão da comunicação sonora; uterotopo: dimensão do sentimento de pertencimento; termotopo: dimensão do conforto; erototopo: dimensão da troca primária de energias eróticas e de ciúmes; ergotopo: dimensão da força patriarcal geradora de unidade via trabalho e guerra.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

A partir do mesmo material concreto e conceitual que experimentamos no nível da realidade, emerge o mundo religioso com novas tensões, dimensões e sínteses. Os conceitos de alma e existência, destino, culpa, felicidade e sacrifício chegando até os cabelos de nossa cabeça e até o pardal no telhado – tudo isso também constitui o conteúdo do mundo religioso (SIMMEL 2011a p. 24,25).

Desse modo, podemos considerar que ao exercer sua religiosidade de maneira interacional as pessoas constroem as religiões – uma atmosfera religiosa – a partir do âmago de cada ser que conscientemente busca a unidade suprema (re)encantando o mundo e transformando assim, o *kaos* em *kosmos* (SIMMEL 2011a).

O fenômeno religioso em sua essência específica, em sua existência pura, livre de toda “coisa” empírica, é *vida*; o homem religioso vive de uma maneira que lhe é própria e seus processos psíquicos apresentam um ritmo, uma tonalidade, um arranjo e uma proporção de energias psíquicas que são claramente distintos daqueles do homem teórico, artístico ou prático. Mas tudo isso é justamente uma questão de processo e não uma formação concreta: essa vida e essa operação devem abranger os conteúdos reais e formá-los- caso religiões descritíveis e “objetivas” vierem a nascer (SIMMEL 2011^a p. 27).

Podemos aproximar esse homem religioso responsável por interações atmosféricas à concepção de Latour (2012) sobre a religião, segundo a qual ela pode ser compreendida como um modo de enunciar a verdade que passa pela experiência de reapresentação, como ouvir a boa nova e senti-la por meio da capacidade performativa com a qual ela chega, importando nesse caso a transformação promovida e não a informação razoável passada. Tal aproximação é factível, pois esse homem colore os conteúdos do mundo incluindo aí a linguagem. Trata-se de uma performance capaz de mudar a forma de habitar o espaço e o tempo, para tanto o autor usa o modelo da interpelação amorosa para explicar esse fluxo entre aproximação, presente e transformação. Este modelo segundo Latour (2004, p.353-354) é uma forma de discurso que:

a) tem a ver com a transformação daqueles que trocam a mensagem, e não com o transporte de informação; b) é sensível ao tom com que a mensagem é proferida: tão sensível, que faz passar, por uma crise decisiva, da distância à proximidade, e de volta ao estranhamento; da ausência à presença, e de volta, lamentavelmente, à primeira. Dessa maneira de falar, direi que ela “re-presenta”, num dos muitos significados literais da palavra: ela apresenta novamente o que é estar presente naquilo que se fala. E essa maneira de falar: c) é a um só tempo completamente comum, extremamente complexa, e não muito frequentemente descrita em detalhes.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

A referida reapresentação poderia ser interpretada, a nosso ver, como uma atuação análoga à mencionada repetição do espaço-tempo da hierofania veiculada pelos cultos religiosos descrita por Eliade (2010). Ademais, pregar, o discurso religioso, de acordo com Latour (2004) significa tornar vivo novamente, o que se assemelha às formas de contágio informadas por Sloterdijk (2009) ao descrever o funcionamento da dimensão thanatótopo. O mundo da vida de qualquer grupo humano possui o seu mundo dos ausentes, a emergência latente de novas verdades e as afecções dos mortos são as duas grandes fontes de contágio desses ausentes que mantêm a vida em estresse. Os deuses e os tratos constantes com eles mantêm o estresse controlado, e os ritos constituem-se em meios de imunização dos grupos. Os grupos religiosos seus propaladores e lideranças, tornar-se-iam então, mediadores da imunização e cada homem religioso que vive da maneira que lhe é própria um reprodutor de técnicas de imunização.

Se, por outro lado, as substâncias psicoativas, representam de alguma maneira um retorno do ausente, algumas vezes descontrolado e ameaçador, por se conhecer pouco sobre elas e porque elas revelam realidades surpreendentes, nesse caso é compreensível que as pessoas procurem os grupos religiosos para resolver suas dificuldades de relação com as drogas e que as religiões ofereçam saídas comumente miraculosas para as situações problemáticas.

METODOLOGÍA

As pesquisas bibliográficas e de campo que dão suporte a este artigo lançaram mão do método da revisão bibliográfica de fontes primárias e secundárias, além da coleta de material empírico realizada a partir da aplicação de entrevistas, e visitas in loco.

Conforme vimos anteriormente, de acordo com nosso referencial teórico, a atividade das pessoas que formam os grupos religiosos é fundamental para a caracterização destes, a definição dos seus dogmas e suas fronteiras. As lideranças desses grupos, bem como aqueles que neles exercem algum tipo de cargo institucional, apresentam-se, em geral, como as pessoas de maior influência na definição do clima religioso e das trocas com as demais dimensões da vida. Isto justifica a opção para que as entrevistas fossem realizadas com tais líderes.

No caso da pesquisa com as lideranças religiosas da cidade de Natal/RN, utilizamos o método da entrevista qualitativa baseada em duas perguntas diretas, a saber: Como o/a (nome da



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

instituição) entende o “problema das drogas”? Como a o/a (nome da instituição) se relaciona com o “problema das drogas”. Foram entrevistados líderes ou representantes de 20 grupos religiosos presentes em Natal/RN:

Tabela 1 Grupos religiosos pesquisados Natal/RN/2014-2015

1.	Igreja Católica Apostólica Romana
2.	Igreja do Evangelho Quadrangular
3.	Igreja Evangélica Batista Regular
4.	Igreja Batista Convenção
5.	Igreja Evangélica Presbiteriana Do Brasil
6.	Igreja Evangélica Assembleia De Deus
7.	Igreja Evangélica Congregação Cristã No Brasil
8.	Igreja Evangélica Deus É Amor
9.	Igreja Evangélica Bola de Neve Church
10.	Igreja Universal Do Reino De Deus – IURD
11.	Igreja De Jesus Cristo Dos Santos Dos Últimos Dias
12.	Igreja Adventista do Sétimo Dia
13.	Santo Daime
14.	Federação Espírita Do Rio Grande Do Norte
15.	Federação Espirita de Umbanda, Candomblé e Jurema
16.	Hare Krishina
17.	Budismo
18.	Candomblé
19.	Comunidade Muçulmana do Rio Grande do Norte
20.	Comunidade Cristã Maravilhosa Graça

No plano empírico, identificamos a presença de uma grande diversidade de grupos religiosos que se julgam aptos a sentenciar sobre a questão das drogas.

ANÁLISE E DISCUÇÃO DE DADOS

Durante a pesquisa sobre a perspectiva de lideranças religiosas de Natal sobre o problema das drogas, identificamos no discurso de representantes de diferentes vertentes protestantes, por exemplo, referências à sua presença religiosa em lugares remotos da cidade, pouco acessíveis e em condições de vulnerabilidade social, como uma forma de oferecer uma espécie de suporte para a “recuperação” das pessoas que usam drogas nesses locais e “apoio” às famílias destas. Isso ficou bastante evidente na fala da liderança da Assembleia de Deus. A despeito da apreciação qualitativa que possamos fazer do tipo de intervenção oferecida por tais grupos, percebemos que a dispersão



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

evangélica garante nesses casos que haja nesses locais pelo menos um discurso institucional e proativo sobre as drogas. Logo, embora não seja particularmente direcionada para isso, a presença pública religiosa sobre a questão das drogas se dá na medida em que essa oferece uma explicação e uma solução para o problema social das drogas, ou um *dossel sagrado*. (BERGER, 1985). Este dado é muito importante para pensarmos como os acadêmicos poderiam dialogar com estas instâncias a fim de quiçá atualizar o paradigma das drogas.

Por outro lado, quando temos, por exemplo, um discurso religioso que afirma em pleno século XXI que o uso de drogas corresponde à abertura de uma porta para o demônio (Entrevista IURD), vemos recolocada a ideia de passagem, de trânsito proibido entre vivos e mortos, uma vez aberta essa porta o ser morre não só para a Igreja, mas também para a própria sociedade, porque se torna um desviante, um outsider para a sociedade mais ampla. A marginalidade, desse modo, é vista como um sintoma da doença, do problema de uso de drogas. Como resposta a Igreja Universal do Reino de Deus de Natal/RN oferece uma espécie de culto de instrução chamado “Vício tem cura Natal”, através do qual orienta os assistentes a abandonar o uso de drogas. Um proposição que nos chamou a atenção nesse culto é a que sugere do abandono da metodologia dos 12 passos proposta pela organização Alcoolicos anônimos e a adoção dos 07 passos propostos por esta congregação que se constituem basicamente em ser obediente ao *dossel sagrado* e pagar o dízimo. Notamos que esse grupo religioso usa palavras de cunho científico como vício e cura, propalando um diagnóstico e uma solução que, na verdade, se dará apenas na dimensão religiosa, uma vez que “na verdade é o espírito [que influencia o viciado] que não presta”.

Interpretamos esse tipo de posicionamento como sendo de uma condenação compreensiva com ação frequente no espaço público, enquanto oferece explicação e solução. Outro exemplo nesse sentido, dotado de uma ação talvez ainda mais contundente no espaço público é a posição assumida pela Igreja Católica, já que esta oferece no estado uma comunidade terapêutica chamada Fazenda da Esperança para “tratamento” dos “viciados”. Num esquema de atuação mais ampla, esse grupo religioso possui ainda as iniciativas da chamada “pastoral da sobriedade” que propõe para a comunidade católica a ajuda mútua entre os envolvidos com o afamado problema.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

No pequeno espaço deste artigo, não poderemos desenvolver considerações mais detalhadas sobre o posicionamento discursivo e consequente ação dos 20 grupos entrevistados. Os exemplos aqui citados servem para ilustrar as tendências mais comuns que identificamos, sobre as quais é preciso considerar também as plasticidades, como nos casos relatados acima que fazem parte de uma mesma tendência, mas com suas variações próprias. Além da posição, ou tendência descrita acima, temos ainda a pura condenação do uso de drogas combinada a uma ausência de atuação na esfera pública, já que o grupo assim identificado não conseguiu oferecer uma avaliação mais a ou menos elaborada do problema em tela e uma solução para ele. Tal como se apresentaram os casos da Igreja Batista da Convenção e da Igreja Deus é Amor.

Por fim, identificamos uma tendência singular no conjunto dos grupos pesquisados que é caracterizada pelo uso de substâncias psicoativas na dimensão religiosa combinada a uma ação voltada para a promoção da compreensão dessa prática. O caso emblemático nesse sentido é representado pelo Santo Daime, mas também pode ser identificado na Federação Espirita de Umbanda, Candomblé e Jurema do Rio Grande do Norte. Identificamos nos discursos dos representantes desses grupos um esforço em diferenciar o consumo religioso do consumo mundano de substâncias, colocando claramente que o uso sob determinados regramentos pode ser benéfico. Dito empenho, possivelmente se deve ao fato de que os grupos religiosos que consomem substâncias tais como a ayahuasca, a jurema e o álcool em seus ritos sofrem muito preconceito e condenações por parte dos demais grupos devido a esta prática, e uma das acusações mais comuns mobilizadas contra eles é a de “drogados”.

Que contribuições essa discussão traz para o que chamamos de interface ciência-religião? Primeiramente é preciso sublinhar que não falamos de mundos opostos, mas de dimensões da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas dezenas de entrevistas que fizemos, era notória a referência às “descobertas científicas”, “aspectos científicos de tratamento”, e a citação de “estudos acadêmicos”. Parte disso se deve ao fato de sempre nos apresentarmos como pesquisadores da Universidade, e ao trazerem o suposto conhecimento científico à baila estavam buscando pontos de diálogo, além de tentarem demonstrar o *aggiornamento* do discurso religioso próprio.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Essa atitude é mais presente entre os grupos que aspiram uma parceria com os órgãos públicos no atendimento aos drogadictos e suas famílias, visando sua “cura e libertação”. De igual forma, mas por um motivo diferente, essa atitude estava presente entre os que buscam um reconhecimento público do uso sacramental de substâncias psicoativas. Já os grupos religiosos mais fechados, geralmente de perfil fundamentalista, não fazem muito essa aproximação com a ciência, embora cheguem a dizer: “até a ciência concorda que...” Nesse último caso, no entanto, os argumentos supostamente científicos são acionados apenas como demonstração da superioridade do dogma, pois até a ciência se vê forçada a concordar com ele.

Interessa-nos aqui os dois primeiros casos pois neles vemos uma interface ciência-religião tipicamente moderna, onde a autoridade da ciência é admitida como referência à prática religiosa. Por um lado isso serve de convite à ciência para que ela pense bem nas contribuições que pode trazer para a intensa prática religiosa no mundo contemporâneo, visto ser um fenômeno de imensa capilaridade: a persistir o discurso farmacológico e higienista nas ciências da saúde, e nas psiquiatrias convencionais, práticas pouco criativas vão ocorrer no âmbito das religiosidades e suas ações na sociedade continuarão a ser opressivas e ineficientes. A ciência não é nem um pouco neutra, e seus pressupostos tem implicações éticas de imensa repercussão. Não falamos, portanto, de mundos opostos, mas de setores cobeligerantes voltados ou para uma guerra às drogas, ou para um enfrentamento criativo de um desafio comum.

Por outro lado, existe toda uma face oculta nesse relacionamento ciência-religião que faz renascer, de modo invertido, um momento histórico ocidental em que a ciência, representada naqueles tempos medievais especialmente pela filosofia, estava submetida à teologia cristã, num processo que era então chamado de “encilhamento” (LOPES JR., 2013), isto é, em que a religião para manter sua posição hegemônica na sociedade precisava montar na mesma utilizando-se, para tanto, de uma cela que era a ciência.

Essa lógica do encilhamento se reapresenta de maneira invertida, pois nesse caso é a ciência que faz irradiar sua dominação no pensamento social contemporâneo através de uma nova cela, a religião. Tanto o encilhamento como o neo-encilhamento pressupõem a inexistência efetiva da outra instância. O uso instrumental mútuo, evidentemente dentro de uma certa aquiescência, supõe a



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

anulação da outra instância como um modo próprio, peculiar, e válido de lidar com os desafios da presença humana no mundo. Portanto, o uso pela religião da ciência como fonte de autoridade para sua ação no mundo é uma grande armadilha que retira sua contribuição específica aos problemas humanos. Certamente que a recusa ao diálogo, como no caso da postura isolacionista de alguns grupos, não é a solução. Como vimos, mesmo nesses casos subjaz uma referência à autoridade superior da ciência, e uma subsunção ao racionalismo explicacionista traduzido em certezas dogmáticas. Como possibilidade de caminho criativo só resta a interação, a descoberta mútua das forças e fraquezas de cada setor em particular, e a inter-fecundação de ideias sem que haja, para usarmos uma expressão de Stephen Jay Gold (2002), a supremacia de um magistério sobre o outro.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Pedro. (2012) **A política de drogas e a marcha da insensatez**. SUR Revista Internacional de Direitos Humanos. V.9, nº16, p.199-207.
- BERGER, Peter L. (1985) **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas.
- BETTO, Frei. **Drogas e religião**. (2013) Jornal O dia. 13 de janeiro de 2013. Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/portal/opiniao/frei-betto-drogas-e-religi%C3%A3o-1.535056>> acesso em 10 de agosto de 2013.
- CARNEIRO, Henrique. (2004) As plantas sagradas na história da América. **Varia História**. Nº32 Disponível em: <https://static1.squarespace.com/static/561937b1e4b0ae8c3b97a702/t/572cadd27c65e4e492d9789e/1462545880041/05_Carneiro%2C+Henrique.pdf> Acesso em: 15/jan/2018
- CARNEIRO, Henrique. (2005a) **Transformações da palavra do significado da palavra “droga”: das especiarias coloniais ao proibicionismo contemporâneo**. In: CARNEIRO, Henrique & VENÂNCIO, Renato Pinto. Álcool e drogas na história do Brasil. São Paulo: Alameda; Belo Horizonte: PUCMinas.
- CARNEIRO, Henrique. (2005b) **A odisséia psiconáutica: A história de um século e meio de pesquisas sobre plantas e substâncias psicoativas**. In: LABATE, B. C. e GOULART, S. L. (orgs) O Uso ritual das plantas de poder. Campinas, SP: Mercado de Letras.
- CARNEIRO, Henrique. (2008) **Autonomia ou heteronomia nos estados alterados de consciência**. In: LABATE, Beatriz. C. et. all. Drogas e cultura: novas perspectivas. Salvador. EDUFBA/Minc.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

- COSTA, Janaína Alexandra Capistrano da & LOPES Júnior, Orivaldo Pimentel. (2014) **Drogas e o exercício da religiosidade e da cidadania: informe de pesquisa**. Revista InterLegere, nº15. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/6397/5008>
- COSTA, Janaína Alexandra Capistrano da & SIMEÃO, João Daniel Lima. (2015) **Religião e cidadania: o entendimento de instituições religiosas de Natal/RN sobre o “problema das drogas”**. Revista InterLegere, nº17. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/9926/7026>
- COSTA, Janaína Alexandra Capistrano da. (2017) **A regulação/regulamentação da ayahuasca como contribuição ao debate sobre a política de drogas**. In: ALMEIDA, Cristiane Roque *et all*. O CRR no Tocantins: articulando saberes para o cuidado em uso abusivo de álcool e outras drogas. Curitiba: CRV.
- COURTWRIGHT, David T. (2002) **Las drogas y la formación del mundo moderno: breve historia de las sustancias adictivas**. Barcelona: Paidós.
- CROWLEY, Roger. (2014) **Impérios do mar: a batalha final entre cristãos e muçulmanos pelo controle do mediterrâneo 1521 1580**. São Paulo: Três Estrelas.
- ESCOHOTADO, Antonio. (2008) **Historia general de las drogas**. Madrid: Espasa.
- ESCOHOTADO, Antonio. (2015) **Aprendiendo de las drogas: usos y abusos, prejuicios y desafíos**. Barcelona: ANAGRAMA.
- GOULD, Stephen Jay. (2002) **Pilares do Tempo: Ciência e Religião na plenitude da vida**. Trad. F. Rangel. Rio de Janeiro: Rocco.
- LATOUR, Bruno. (2004) “Não congelarás a imagem”, ou: Como não desentender o debate ciência-religião. **Revista Mana**. Nº10.
- LOPES Jr, Orivaldo Lopes. (2013) **O espelho de Procrusto: ciência, religião e complexidade**. Natal: EDUFRN.
- LOPES JR., Orivaldo P. (2015) **O Diálogo dos Surdos: Igrejas Evangélicas e as Ciências Sociais**. Natal: EDUFRN.
- FERNANDES, Ruben César. (2008) **Drogas e democracia na América Latina: uma introdução**. Texto de apoio para a Primeira Reunião da Comissão Latino-americana sobre Drogas e Democracia. Rio de Janeiro: mimeo.
- MACKENNA, Terence. (1993) **Plantas de los dioses**. Barcelona: Paidós.
- SIMEÃO, João Daniel De Lima (2017). **Drogas e o exercício da Religiosidade e da Cidadania: O entendimento dos grupos religiosos sobre o "Problema das Drogas"**. Monografia de conclusão do Curso de Ciências Sociais da UFRN.
- SIMMEL, Georg. (2011a) **Religião**. Ensaios. Vol.1/2. São Paulo: Olho d'Água.
- SIMMEL, Georg. (2011b) **Religião**. Ensaios. Vol.2/2. São Paulo: Olho d'Água.
- SLOTERDIJK, Peter. (2008) **Extrañamiento del mundo**. Valencia: Pre-texto.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

SLOTERDIJK, Peter. (2009). **Esferas III**. Madrid: Siruela.

UNODC (2015) **Relatório Mundial sobre Drogas**. Disponível em:

<http://www.unodc.org/documents/wdr2015/WDR15_Chapter_1.pdf>. Acesso em 26/04/2016

VARGAS, Eduardo V. (2000) Que guerra é essa? A propósito da partilha moral entre drogas e fármacos. **Conjuntura Política**. Belo Horizonte: FAFICH - UFMG, v. 22, p. 1-4.

VARGAS, Eduardo V. (2008) **Fármacos e outros objetos sócio-técnicos: notas para uma genealogia das drogas** In: LABATE, Beatriz. C. et. all. Drogas e cultura: novas perspectivas. Salvador. EDUFBA/Minc.